

A CENTRALIDADE DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA ESCRITA POR MULHERES EM OFICINAS DE ESCRITA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO AGRESTE DE PERNAMBUCO

THE CENTRALITY OF AFRO-BRAZILIAN LITERATURE AUTHORED BY WOMEN IN WRITING WORKSHOPS FOR WOMEN: AN ACCOUNT OF EXPERIENCE IN THE AGRESTE REGION OF PERNAMBUCO

LA CENTRALIDAD DE LA LITERATURA AFROBRASILEÑA ESCRITA POR MUJERES EN TALLERES DE ESCRITURA PARA MUJERES: UN RELATO DE EXPERIENCIA EN LA REGIÓN DEL AGRESTE DE PERNAMBUCO

Vinícius Miguel de Oliveira Silva¹
Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes²
Mauro Alexandre Farias Fontes³

RESUMO: A seguinte proposta apresenta seis oficinas de produção literária a partir das análises de obras da literatura afro-brasileira escrita por mulheres com um grupo de moradoras da cidade de Garanhuns-PE. Entre as escritoras lidas nos encontros estão Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Lelê Alves. O principal objetivo é levar as participantes a uma rotina de leitura e produção literária, com o intuito de debater as vivências de mulheres negras representadas nas obras. A base bibliográfica parte do conceito de “Escrivência” (Evaristo, 2020), do debate sobre Interseccionalidade (Akotirene, 2019), das propostas de oficina de criação literária (Lamas; Hintz, 2002) e da Sequência Básica (Cosson, 2019). Qualifica-se como uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e de caráter exploratório. Seus resultados foram satisfatórios, apontando a eficácia nas metodologias de ensino e a pertinência do uso da literatura afro-brasileira escrita por mulheres para o letramento literário.

1

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Oficinas de produção literária. Escrita de mulheres negras.

ABSTRACT: The following article presents six literary production workshops based on the analysis of works from Afro-Brazilian literature authored by women, conducted with a group of residents from the city of Garanhuns-PE. Among the authors read in the meetings are Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, and Lelê Alves. Its main goal is to engage participants in a routine of reading and literary production to discuss the experiences of Black women represented in the works. The fundamental studies for the project are based on the concept of "Escriência" (Evaristo, 2020), the discussion on Intersectionality (Akotirene, 2019), literary creation workshop proposals (Lamas; Hintz, 2002), and the “Sequência Básica” (Cosson, 2019). This is a qualitative action research study, applied in nature and exploratory in character. The results were satisfactory, demonstrating the effectiveness of the teaching methodologies and sparking participants' interest in Afro-Brazilian literature written by women.

Keywords: Afro-Brazilian literature. literary creation workshops. black women's writing.

¹ Graduado em Licenciatura em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE).

² Docente da Licenciatura em Letras (Português/Inglês) e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE).

³ Docente da Licenciatura em Letras (Português/Inglês) e Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE) e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque/UNIVASF).

RESUMEN: Esta propuesta describe seis talleres de producción literaria realizados con un grupo de mujeres residentes en Garanhuns, Pernambuco, a partir del análisis de obras literarias afrobrasileñas escritas por mujeres. Entre las autoras leídas durante las sesiones se encuentran Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus y Lelê Alves. Los fundamentos teóricos del proyecto se basan en el concepto de *escrevivência* (Evaristo, 2020), debates sobre interseccionalidad (Akotirene, 2019), enfoques sobre talleres de escritura creativa (Lamas; Hintz, 2002) y el método de la "Secuencia Básica" (Cosson, 2019). El objetivo principal fue involucrar a las participantes en una rutina de lectura y producción literaria, con el fin de debatir las experiencias vividas por las mujeres negras tal como se retratan en dichas obras. Los resultados fueron satisfactorios, demostrando la eficacia de las metodologías pedagógicas y despertando el interés de las participantes por la literatura afrobrasileña escrita por mujeres.

Palabras clave: Literatura afrobrasileña. talleres de producción literária. escritura de mujeres negras.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca apresentar uma proposta didática para o letramento literário e escrita criativa a partir da literatura afro-brasileira escrita por mulheres. Ela foi aplicada no âmbito do projeto de extensão da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE) denominado “Elas por elas: a literatura como um meio para a partilha de vivências e construção de uma memória coletiva”.

A princípio, o *Elas por Elas* foi pensado como um projeto voltado para moradoras do bairro Aluísio Souto Pinto da cidade de Garanhuns. Entretanto, outros públicos foram alcançados ao longo do desenvolvimento das atividades, como discentes da universidade. O projeto teve início em outubro de 2024 a partir da realização de ações de divulgação e encontros para a leitura das escritoras afro-brasileiras. Ao total, o projeto “Elas por Elas” realizou onze encontros, sendo os cinco primeiros voltados para a leitura e estudo das escritoras selecionadas e os outros seis voltados para as atividades de escrita, mas sem deixar de realizar a mediação das leituras, ainda que com objetivos distintos.

A ideia surge a partir das obras de autoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, que puderam encontrar motivos para as suas produções artísticas a partir de vivências pessoais. Uma das justificativas para a escolha desta literatura está no reconhecimento de como, pela leitura ou pela escrita, a literatura serviu e serve, para estas escritoras, como um meio para a reflexão sobre suas próprias realidades. Este potencial transformador proporcionado pela literatura deve ser utilizado nos mais diversos espaços de ensino para gerar debates e formações que reflitam sobre a história e as condições sociais do povo negro brasileiro. Este grupo literário compõe um conjunto de produções que busca “preencher vazios deixados pela perda de identidade ocorrida no período em que a cultura negra era tida e considerada como fora-da-lei”

(Bernd, 1988, *apud* Leite, 2021). É a escrita de uma história que não foi contada. Quanto mais forem lidas, maior será o reconhecimento.

O objetivo desta pesquisa foi o de levar um grupo de mulheres à produção literária a partir de uma proposta metodológica que pudesse valorizar a literatura afro-brasileira escrita por mulheres. As obras escolhidas tratam das opressões que fazem parte da vida de mulheres negras e as discussões acarretadas pela leitura de tais obras possibilitam o reconhecimento e a sensibilização acerca destas condições.

Foi através do conceito de Escrivência, concebido por Conceição Evaristo (2020), que o projeto pôde surgir. Trata-se de uma metodologia de escrita que parte das vivências de mulheres negras. A literatura que surge a partir deste conceito está associada a uma busca pela valorização da ancestralidade africana, à denúncia de opressões e à oportunidade deste grupo conquistar espaços na sua própria representação dentro da literatura brasileira.

Para os encontros, foram adotadas adaptações das oficinas de criação literária apresentadas por Lamas e Hintz (2002) e os princípios metodológicos para o letramento literário da proposta de Sequência Básica (Cosson, 2019). Lamas e Hintz apresentam diversas experiências oficinas de escrita realizadas como atividade de extensão pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e ministradas pelo professor Dr. Luiz Antonio de Assis. A obra se destaca por ter sido uma produção das discentes que participaram do programa na turma de 1992, o que representa uma mudança de perspectiva para o meio acadêmico. As produções de Cosson (2019, 2023) foram o modelo para a mediação do texto literário durante os primeiros encontros do projeto e algumas das suas etapas foram mantidas ao longo dos momentos destinados à produção textual.

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA ESCRITA POR MULHERES

A literatura não escapa à vida. De Maria Firmino dos Reis à Lelê Alves, é possível reconhecer como esta arte esteve presente e moldou a vida destas mulheres negras, seja pela oralidade ou pela escrita. Em entrevista, a autora de “A cor da ternura”, Geni Guimarães, conta como teve seu primeiro contato com a arte:

Então, a minha mãe era lindamente poeta. Era analfabeta e era poeta. Por isso que eu acho que o poema não começa das letras, começa da alma. E a minha mãe cantava Repente, então quando eu me vi, eu estava falando Repentes, que eram coisas até poéticas. Depois eu comecei, de supetão, a escrever os meus versinhos. Aí saltou a Geni poeta, graças a Deus. Foi muito bom. Eu gosto muito de mim nessa literatura, nessa vida, então eu comecei assim em poemas escritos, com versinhos, como o que eu fiz para a Princesa Isabel, que está em A Cor da Ternura e em Leite do Peito: “Era boa para os escravos e parecia um mel. Acho que era irmã de Deus. Viva a Princesa Isabel”. Eu era inocente. (Guimarães, 2021)

Para Carolina Maria de Jesus, mineira que foi morar na favela Canindé, em São Paulo, ler era o seu ideal (Jesus, 2020, p.31). A escrita foi a forma que encontrou de ser ouvida e denunciar as agressões e dificuldades que sofria onde morava:

Quando as mulheres fera invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas diz:

– Que crianças mal inducadas!

Eu digo:

– Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. (Jesus, 2020, p. 26)

Os produtos culturais do povo negro brasileiro em meio aos cenários de violência e apagamento foram propagados entre as gerações e hoje podem ser reconhecidos como símbolos de resistência (Evaristo, 2009, p.18). Na sua tradição literária, a oralidade toma espaço e é marcada, ao longo dos séculos, como um importante meio de propagação desta arte, oportunizando a resistência da memória e da cultura de um povo. Sobre a oralidade, Evaristo (*op. cit.*) afirma:

Histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens do folclore brasileiro, são heranças das várias culturas africanas aqui aportadas e podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo. (Evaristo, 2009, p.19)

Na tradição literária escrita, e sobretudo durante o Romantismo, movimento que buscou formar uma identidade brasileira por meio da idealização de heróis nacionais, o corpo negro não pôde ser cogitado sem que a ordem escravocrata da época fosse questionada, ainda que guerreiros, guerreiras, heróis e heroínas negras existissem. Em uma análise da presença de personagens negros em obras do romantismo, Evaristo (*op. cit.*) destaca como há, entre eles, ou uma afasia que lhes é própria ou uma tentativa de apropriar-se do idioma do europeu, sem carregar qualquer traço da sua história ou identidade na fala. Buscam a reprodução, que ainda é retratada como defeituosa. A autora também pontua como o apagamento deste grupo se acentua na representação da mulher negra.

Lélia Gonzalez (1984), em uma análise dos papéis associados às mulheres negras na produção cultural nacional, aponta para as tentativas de omissão das marcas africanas que constituem a sociedade brasileira. Gonzalez analisa como três noções da mulher negra foram criadas para endossar o mito da democracia racial na sociedade brasileira por meio da cultura. Entre essas três noções, a esta seção nos interessa a da “*mãe preta*” (Gonzalez, *op. cit.*, p. 235) como o maior exemplo do desejo de silenciamento. A autora a define da seguinte maneira:

É interessante constatar como, através da figura da “mãe-preta”, a verdade surge da equivocação (Lacan, 1979). Exatamente essa figura para a qual se dá uma colher de chá é quem vai dar a rasteira na raça dominante. [...] O que a gente quer dizer é que ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como quem alguns negros muito apressados em seu julgamento. Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra. Se assim não é, a gente pergunta: que é que amamenta, que dá banho, que limpa cocô, que põe prá dormir, que acorda de noite prá cuidar, que ensina a falar, que conta história e por aí fora? É a mãe, não é? Pois então. Ela é a mãe nesse barato doido da cultura brasileira. Enquanto mucama, é a mulher; então “bá”, é a mãe. A branca, a chamada legítima esposa, é justamente a outra que, por impossível que pareça, só serve prá parir os filhos do senhor. Não exerce a função materna. Esta é efetuada pela negra. Por isso a “mãe preta” é a mãe. (Gonzalez, 1984, p. 235)

Aquelas que foram silenciadas e apagadas nos mais diversos períodos históricos na construção de uma identidade brasileira transbordam os limites das páginas dos livros e se materializam no cotidiano formador da própria sociedade. Na criação dos filhos dos senhores, a fala e cultura dessa figura desempenhou um papel constituinte no seu imaginário. É na construção deste que a mulher negra firma sua centralidade na constituição da identidade brasileira.

A negação desta centralidade também é observada por Evaristo (2009, p.23) ao pontuar como as mulheres negras não são representadas como mães, a não ser nos papéis da mãe-preta. Quanto à sua presença em romances do realismo e modernismo brasileiro, Evaristo (*op. cit.*) cita as personagens das obras “O cortiço” de Aluísio de Azevedo e “Gabriela, cravo e canela” de Jorge Amado, onde as mulheres negras representadas não aparentam possuir civilidade e surgem em um estágio humano primitivo.

Em 1859, Maria Firmino dos Reis, escritora negra maranhense, publica o romance *Úrsula* com temática abolicionista, onde os personagens negros escravizados expõem as dores da escravidão e as suas revoltas contra o regime escravocrata. Dez anos antes da publicação do *Navio Negreiro* de Castro Alves ser publicado, a personagem Suzana de Maria Firmino compartilhava a experiência do traslado para a América. Em 1887, a autora também publica o conto *A escrava*, que se destaca pela presença das personagens Joana e Gabriel, mãe e filho escravizados. Na narrativa, Joana compartilha os maus tratos contra a sua família na ocasião do sequestro e venda dos seus outros dois filhos:

Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos – era um traficante de carne humana. Ente abjeto, e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podem comover, nem comovem os soluços do inocente. [...] A hora permitida ao descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. Ouvi ao longe rumor, como de homens que conversavam. Alonguei os ouvi-dos; as vozes se aproximavam. Em breve reconheci a voz do senhor. Senti palpitar desordenadamente meu coração; lembrei-me do traficante... Corri para meus filhos, que dormiam, apertei-os ao coração. Então senti um zumbido nos ouvidos, fugiu-me a luz dos olhos e creio que perdi os sentidos. [...]

acordei aos gritos de meus pobres filhos, que me arrastavam pela saia, chamando-me: ma- mãe! Mamãe! Ah! minha senhora! abriu os olhos. Que es- petáculo! Tinham metido adentro a porta da minha pobre casinha, e nela penetrado meu senhor, o fei- tor, e o infame traficante. Ele, e o feitor arrastavam sem coração, os filhos que se abraçavam a sua mãe.

Gabriel entrava nesse momento. Basta, mi- nha mãe, disse-lhe, vendo em seu rosto debuxados todos os sintomas de uma morte próxima.

– Deixa concluir, meu filho, antes que a morte me cerre os lábios para sempre... deixa-me morrer amaldiçoando os meus carrascos.

– Por Deus, por Deus, gritei eu, tornando a mim, por Deus, levem-me com meus filhos!

– Cala-te! gritou meu feroz senhor. – Cala-te ou te farei calar.

– Por Deus, tornei eu de joelhos, e tomando as mãos do cruel traficante: – meus filhos!... meus filhos! Mas ele dando um mais forte empuxão, e ameaçando-os com o chicote, que empunhava, entregou-os a alguém que os devia levar... (Reis, 2018)

Caso sua obra tivesse sido reconhecida à época de publicação, o tema abordado pela autora já seria considerado transgressor para sua época, onde os poucos escritos femininos aceitos estavam restritos a fatos cotidianos, amores e sutis poesias (Silva, 2013) Em sua literatura, as vidas cotidianas dos escravizados tornam-se matéria literária para a denúncia das violências da escravidão no Maranhão do século XIX. Apesar de todo o valor de sua obra, a autora passa anos no esquecimento e apenas em 1975 o seu nome passa a ser retomado por estudiosos (Duarte, 2004).

Carolina Maria de Jesus, em seus retratos do cotidiano da antiga favela do Canindé de São Paulo, revela a diversidade e complexidade de homens e mulheres negras em meio à fome e à miséria. Em sua obra “Quarto de despejo” (Jesus, 2020), a autora descreve:

O que me aborrece é elas vir à na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade anterior [...] Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade. [...]

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (Jesus, 2020, p.23)

É possível ver uma mulher forte e independente, que batalha pela vida e pelos seus filhos, sem ceder a impulsos e consciente de suas ações, de maneira oposta, por exemplo, à mulher negra protagonista do clássico romance “Gabriela, cravo e canela”, escrito por Jorge Amado. Carolina é uma mulher preta mais consciente da sua condição e das opressões de gênero, raça e classe que sofre por pertencer a tais grupos.

Em obras como “Um defeito de cor” de Ana Maria Gonçalves (2006), um romance histórico que retoma o passado da heroína brasileira Luiza Mahim, e nos cordéis de Jarid Arraes (2017) presentes no livro “Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis”, a literatura serve como

um alicerce para que as histórias de mulheres negras do passado possam ganhar mais espaço na contemporaneidade.

Todas estas considerações podem se concatenar no conceito de “Escrevivência” proposto por Conceição Evaristo: o reconhecimento da ficção como um meio para a defesa de ideais políticos que afetam a vivência de pessoas negras como uma forma de tensionar, politicamente, os atravessamentos de opressão que afetam as suas vivências. A escrita é usada como um meio para arcar as identidades e existências de pessoas em contextos de exclusão, além da possibilidade de recriar os caminhos traçados por personalidades negras históricas, cujos estudos científicos ainda não suprem as lacunas de sua trajetória. Todas essas possibilidades permeadas pela autoria negra feminina. Evaristo (2020) define a Escrevivência do seguinte modo:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (Evaristo, 2020).

Não se trata de um termo que indica a descrição das vivências de uma mulher negra em um texto literário, mas se refere ao reconhecimento dos traços em comum a esse grupo como resultado da formação histórica da identidade feminina afro-brasileira. Em um estudo sobre o termo, Fonseca (2020) aponta que, desde o início, Conceição Evaristo “quis estabelecer uma intrínseca relação entre o ato de escrever literatura e a intenção de assumir o que foi vivenciado por negros e negras ao longo da história do Brasil.” (Fonseca, 2020, p.62).

É por meio de experiências femininas afro-brasileiras que as autoras buscam os paralelos que denunciam ou apontam uma herança social e cultural indissociáveis de suas identidades. Sobre isto, Evaristo (2020, p.34) aponta para o seguinte:

[...] “a aprendizagem da escrita está na vida”. Pois, foi da e na dinâmica da vida que observei os primeiros traços escritos, a primeira grafia, cuja página foi o chão. Observar o mundo é de grande valia, mas o meu mundo primeiro era tão comedido, tão pouco o meu universo, que tive de aprender a olhar o mundo pela profundidade e não pela extensão. (Evaristo, 2020, p.34)

A profundidade do mundo encontra-se no reconhecimento histórico da sua formação e nos efeitos que isso irá causar nos corpos brasileiros de identidade feminina e negra. Por meio da literatura, essas autoras encontram mais uma possibilidade de denúncia, do passado e do presente, e de preservação das heranças africanas que resistiram às violências, silenciamentos e ao tempo.

UMA POTENCIALIDADE DESTA LITERATURA

A narrativa construída a partir das vivências de mulheres negras não a restringe, mas possibilita a conexão com diversos sujeitos cujas vivências estão cruzadas.

No ideal de coletividade, as experiências de exclusão social presentes nas obras podem gerar a empatia dos leitores que, ainda que não compartilhem da mesma identidade com a personagem, partilham a vivência da exclusão. Isso possibilita o diálogo aberto com diferentes formas de existir em coletivo: “Um sujeito gay se vê nesse texto porque, também ele, vive essa experiência de exclusão.” (Evaristo, 2020, p.32) e assim se torna perceptível como as dores e lutas de diferentes grupos não estão seccionadas, mas interligadas.

Um conceito norteador para a compreensão das vivências presentes nesta literatura é o de Interseccionalidade. É definido como “um sistema de opressão interligado” (Akotirene, 2019). Tal conceito surge a partir dos estudos promovidos pelo feminismo negro e a partir dele é possível compreender como as mulheres negras não compõem duas identidades, mas apenas uma, e as opressões sofridas são um resultado desta união. Djamila Ribeiro (2019) aponta: “Ao nomear as opressões de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões, de não criar, como diz Angela Davis, em *Mulheres negras na construção de uma nova utopia*, ‘primazia de uma opressão em relação a outras’.” (Ribeiro, 2019, p. 11). As identidades estão cruzadas. A identidade feminina é diversa e as intersecções entre as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, entre outras, não podem ser consideradas de maneira isolada.

8

É por meio das obras literárias ligadas ao conceito de Escrivivência que o reconhecimento e a discussão destas problemáticas com um público diverso também pode ser possível. É uma literatura cuja construção leva à representação e identificação de diversas coletividades, ela não pode ser considerada como o relato de uma experiência pessoal isolada.

Esta literatura passa a ser um meio para o diálogo acerca das opressões de raça, classe, gênero, e outras, interligadas nas identidades femininas negras. Porém, reconhece-se como a simples leitura de uma obra, independentemente do quão boa ou relevante possa ser, não é a responsável pela reflexão das temáticas abordadas, não levando, por si só, a uma humanização dos sujeitos (Abreu, 2006). É por meio da presença de um outro, ou de uma coletividade, cujo interesse os proponha a debater e explorar o potencial desta literatura que alguma mudança pode surgir. O diálogo, enquanto socialização de ideias e perspectivas, deve ser uma metodologia central no trabalho com estas obras quando o objetivo for o de informar, questionar estruturas sociais e sensibilizar os leitores acerca das questões por elas tratadas.

METODOLOGIA

O projeto caracteriza-se como uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e de caráter exploratório. Compreende-se pesquisa-ação como “*um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo*” (Thiollent, 1986).

Para o planejamento dos encontros, duas metodologias foram adotadas: oficinas de criação literária do professor Luiz Assis (Lamas & Hintz, 2002) e princípios da sequência básica de Rildo Cosson (2019).

A obra de Lamas e Hintz (2002) é um relato de experiência particular das autoras ao longo de dois semestres na turma de Criação Literária do professor Luiz Assis, ofertada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Ao longo do primeiro semestre, treze encontros foram realizados com diversos exercícios que instigavam a criatividade e desafiavam os participantes. As atividades do segundo semestre focaram na realização de seminários que se propunham à análise dos contos produzidos ao longo do primeiro semestre, com alguns exercícios de escrita para o aprofundamento de técnicas (Lamas; Hintz, 2002). Os exercícios trataram de abordar desde elementos da narrativa como a diversificação lexical e desautomatização da linguagem. Durante os encontros foram realizados exercícios.

A Escrita Criativa, categoria na qual se enquadram as Oficinas de Escrita Literária, é apontada por Amabile (2020) como uma categoria de difícil definição. Nos Estados Unidos, onde são muito populares, as definições apontadas pelos cursos que as oferecem apresentam certas incongruências. Entretanto, o conceito que satisfaz o autor é aquele que a define como:

[...] estudo crítico, na transmissão e no exercício de técnicas utilizadas por escritores e ensaístas de diversas épocas e culturas, para a elaboração de textos literários (contos, novelas, romances, poemas, guiões, entre outros) ou não literários (artigos de jornal, reportagens, ensaios, etc.). (Mancelos, 2009, p. 14, *apud* Amabile, 2020, p. 139).

A abrangência da definição o satisfaz pois contempla as diversas possibilidades nas quais a escrita criativa pode surgir: tal estudo pode ser utilizado tanto para os literários quanto para os não literários, desde que sejam utilizadas técnicas próprias para cada um. Quanto ao objetivo, ele aponta estar na criação de “um ambiente que estimule a leitura, a pesquisa e, sobretudo, a produção de textos com recursos literários, tanto no campo da ficção quanto no da não ficção” (Amabile, *op. cit.*).

Sendo assim, a leitura também é apontada como um elemento basilar para esta prática. Diante disso, também é necessária uma metodologia de leitura do texto literário que adote uma compreensão satisfatória do mesmo, adequada aos objetivos da presente proposta.

É por meio do conceito de Letramento Literário que Cosson (2019) consegue estabelecer objetivos para o trabalho com a literatura dentro de uma proposta didática. É a partir do conceito de letramento (Soares, 1998, *apud* Cosson, *op. cit.*), apropriação de habilidades sociais de domínio da linguagem, que o letramento literário surge como uma de suas vertentes. Este é o domínio de atribuir sentidos ao texto literário, aos mundos constituídos por palavras (Souza; Cosson, 2011). É uma metodologia pensada para o ensino da literatura no ensino básico, cujo objetivo está em promover um diálogo e compreensão mais profundas entre o leitor e a obra. Para tal, quatro etapas são propostas: a Motivação, a Introdução, a Leitura e a Interpretação.

A Motivação é a etapa que irá preparar o leitor para o seu primeiro contato com o texto literário. É por meio de alguma relação com a obra escolhida que uma atividade pode ser desenvolvida, enriquecendo a experiência com elementos extratextuais. A Introdução, segundo momento da sequência, aborda o autor, a obra em si e as razões para tal escolha. As informações a serem apresentadas neste momento precisam ser escolhidas com cuidado, pois podem influenciar na maneira como o leitor se sente atraído pelo texto. Estas duas etapas tratam de contextualizar a obra, oferecendo informações e pistas que ajudarão os leitores a desvendar os significados do texto.

A terceira etapa pode apresentar algumas variações, a depender da obra que será lida. A extensão do texto irá direcionar as ações do professor neste momento: textos mais breves serão concluídos durante a aula e os leitores já poderão sanar suas dúvidas; romances requerem outras estratégias, como um acompanhamento regular da leitura por meio de intervalos destinados ao auxílio com as dificuldades ou ações que renovem o interesse dos leitores. Por fim, a interpretação diz respeito à externalização dos sentidos criados individualmente pelos leitores por meio de algum registro com um propósito de avaliação, já que esta é uma proposta pensada para espaços de ensino formal.

A respeito da adaptabilidade da proposta, o autor afirma que “a sequência não é algo intocável” (Cosson, *op. cit.*). Em consonância com tal afirmação, o professor ministrante das oficinas de escrita defende que a obra de Lamas e Hintz não é um manual, “embora o olhar do leitor possa transformá-lo em fonte de trabalho individual ou coletivo” (Brasil, 2002). Compreende-se que, diante dos diversos objetivos que podem ser traçados para o texto literário em um espaço de aprendizagem, os princípios de ambos os trabalhos podem ser adequados a diferentes contextos.

As etapas da sequência adotadas nos encontros deste projeto apresentado foram as pré-textuais, de contextualização. Como um dos propósitos era levar um texto literário para cada encontro, os exercícios de escrita criativa serviram como motivação para a leitura e para a

análise de diferentes elementos da narrativa nas obras. Se o exercício do dia estava destinado à análise do espaço da narrativa, este seria o aspecto a ser abordado na leitura e na análise da obra naquele encontro.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Seis encontros do projeto *Elas por Elas* foram destinados à realização das oficinas. O foco de cada oficina deteve-se a diferentes elementos da narrativa, como personagem, espaço, enredo e narrador.

As oficinas não foram a primeira parte do projeto, mas a continuação dos encontros de leitura realizados em semanas anteriores. Neles, obras de Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães, Ruth Guimarães e Jarid Arraes puderam ser lidas e debatidas. A existência desses encontros foi necessária, antes da etapa da escrita, para criar uma rotina de leitura e debate de obras literárias. A metodologia de Cosson (2019) já lhes era familiar quando as oficinas de escrita puderam ser iniciadas. As informações sobre as participantes puderam ser recolhidas por meio de um formulário de avaliação aplicado ao final do projeto, mas elas já haviam sido compartilhadas presencialmente logo no início dos encontros. Ao todo, o projeto atendeu três participantes. Nomes fictícios foram utilizados para todas: Marinalva, Karla e Glória.

Elas se autodeclaram como brancas, enquanto Marinalva como parda. Karla e Glória já 11
havam escrito textos literários em outros momentos da vida, mas haviam perdido a prática. Marinalva afirmou nunca ter chegado a escrever algo semelhante. Ela também compartilhou que não teve a oportunidade de finalizar o ensino fundamental e sentia muitas dificuldades na leitura e na escrita. A participante não realizava nenhum tipo de leitura literária antes do início do projeto, enquanto as outras duas apontaram ler constantemente.

PRIMEIRO ENCONTRO – PARTICIPANTES KARLA E MARINALVA.

No início do encontro, os propósitos da nova etapa do projeto foram apresentados às participantes. Ao serem chamadas de escritoras, elas riram timidamente, mas também pareceram empolgadas com o desafio. Em seguida, as personagens já conhecidas nos encontros de semanas anteriores foram retomadas. Essa foi a introdução para que um conceito mais simplificado do gênero literário “conto” fosse apresentado, associando-o a uma breve história da vida de uma personagem.

Em seguida, deu-se início ao primeiro exercício de escrita, a “Biografia ficcional” (Lamas; Hintz, 2002, p. 20). Foi pedido para que cada participante escrevesse uma pequena

biografia sobre alguém que não conheciam, mas que faz parte do seu cotidiano, como alguém das redes sociais ou da própria vizinhança. Em 15 minutos, elas deveriam escrever 10 linhas.

Assim que apresentada, a proposta gerou surpresa, mas acharam o processo engraçado e divertido. As leituras dos textos foram compartilhadas e a relação entre realidade e ficção pôde ser trabalhada. Elas foram incentivadas a criar características e buscar, na realidade, justificativas para as suas criações.

Karla concluiu em poucos minutos, enquanto Marinalva levou todo o tempo destinado à atividade para a conclusão. Ela se sentiu insegura por ter dificuldades na grafia de algumas palavras, mas não teve dificuldades ao criar a personagem. Solicitou, então, que o texto fosse escrito por ela enquanto ditava as informações.

A segunda atividade do dia foi a leitura do conto “Beijo na face” de Conceição Evaristo (2016). A discussão sobre o texto focou na presença dos personagens como artifício para a construção da atmosfera e do despertar das emoções. Na obra, a personagem Salinda sofria ameaças constantes e era perseguida pelo seu marido. Além da análise dos papéis destas duas figuras, a simbologia presente em uma personagem equilibrada para representar a dualidade da protagonista também foi apontada por Karla. Salinda vivia um romance com outra mulher, que precisava ser mantido em segredo, e ainda buscava meios para conseguir a separação do seu marido sem perder a guarda dos filhos.

O encontro foi finalizado com a indicação de uma atividade semanal: a criação das personagens protagonistas dos contos das participantes. Elas deveriam pensar em características e na história de vida da personagem. Também foram avisadas de que não poderiam trocar ou matar a personagem ao longo dos encontros, seguindo a proposta do professor Assis Brasil (Lamas; Hintz, *op. cit.*).

SEGUNDO ENCONTRO – PARTICIPANTES GLÓRIA E KARLA.

A descrição de aspectos sociais e psicológicos de personagens foi o foco deste encontro. No início, a participante Karla compartilhou a sua experiência na realização da atividade passada na semana anterior. Ela revelou como não foi um processo linear, mas fragmentado. Elementos surgiram aos poucos em sua mente, mas vieram. Assim, ela pôde criar e conhecer sua protagonista: Luzia.

A primeira atividade do dia foi uma versão do exercício “Minha personagem é capaz de...” (Bernays; Painter, 1990, *apud* Lamas; Hintz, *op. cit.*, p. 26). Elas deveriam escrever 10 características psicológicas e sociais da personagem dentro de 15 minutos. Assim foram apresentadas as características das personagens:

Luzia.

1. Racional;
2. Se considera muito racional;
3. Mãe;
4. Irmã;
5. Mãe de pet;
6. Sedentária/Quase 100%;
7. Filha mais velha;
8. Assistente social;
9. Coleciona all-star;
10. Romântica (secretamente). (Participante Karla)

Personagem de Glória – nome a definir.

1. Centrada e muito focada nos acontecimentos presentes (pode ser vista como pessimista);
2. Honesta com suas opiniões – vai direto ao ponto;
3. Apesar de mais “bruta”, é calorosa, o tipo de vizinha que te faz bolinho e café da tarde;
4. Adora uma fofoca, fala bastante se deixarem;
5. Devido a sinceridade, as pessoas costumam pedir conselhos à ela;
6. Gosta de colecionar linhas de bordado;
7. Mãe de planta – tem um quintal enorme. (Participante Glória)

As leituras do dia foram o poema “Refazendo a cabeça” e o conto “Cauterização”, ambos de Cristiane Sobral (2011). Autora e poema foram apresentados como parte da Introdução (Cosson, 2019). Os textos levaram à reflexão sobre ações tomadas por mulheres negras para esconder seus traços naturais diante da pressão sofrida por padrões estéticos que associam beleza ao corpo branco, desde alisamentos capilares a dietas que amenizassem suas curvas. As participantes imaginaram que a história acontecia nos anos 2000 pela força que estes discursos tinham à época. O destaque dado a esta obra é o de que fatores como o tempo e o espaço escolhidos para a narrativa irão influenciar o modo de pensar e agir da personagem.

Para explorar o psicológico das personagens criadas, a atividade da semana foi a escrita de um sonho vivido por elas. Este sonho poderia ser feito em 15 linhas e deveria apresentar pelo menos uma das características já criadas.

TERCEIRO ENCONTRO – PARTICIPANTES GLÓRIA, KARLA E MARINALVA.

O propósito deste encontro foi a análise do espaço da narrativa. Algumas mudanças no planejamento das atividades foram necessárias, já que nem todas haviam conseguido participar ou realizar as atividades semanais passadas até o momento.

Como a primeira atividade do dia, um áudio gravado em uma feira foi reproduzido para que as participantes tentassem adivinhar a qual espaço pertenciam aqueles sons. Reconheceram rapidamente e logo apontaram quais elementos as ajudaram a identificá-lo. Foi discutido como cada espaço pode apresentar um conjunto de características próprias e que elas podem ajudar na

veracidade dos seus contos. Após a escuta, foi pedido para que cada uma escrevesse um parágrafo com uma cena que se passasse em uma feira.

Para a socialização, elas puderam avaliar os textos das outras. O critério era a construção do espaço. Todas conseguiram destacar diversos pontos positivos nos textos: elementos característicos do espaço, a verossimilhança dos fatos narrados e ações que refletiam as personalidades das suas personagens naquele espaço. Este exercício foi escolhido para mostrar que até elementos ordinários também oferecem possibilidades para escrita. Como foi dito no encontro anterior que tinham dificuldade de afastarem-se da realidade, esta atividade quis incentivar essa escolha.

Foi assim a participante Marinalva pôde finalizar sua personagem, Zeza:

Personagem Zeza

1. Ela era professora e hoje é dona de um boteco;
2. Como professora, era estressada e os alunos não respeitavam ela (*sic.*);
3. Ela é ignorante e intrometida;
4. No boteco, ela não respeita as pessoas;
5. Ela é uma viúva;
6. Ela é metida, passa no carro em tempo de passar por cima dos outros;
7. Nem os netos gostam dela, nem a nora;
8. Tem vizinhos que gostam dela, outros não suportam;
9. Ela faz uma caipirinha boa;
10. É mão de vaca. (Participante Marinalva)

Ao final do encontro, foi possível conhecer as três personagens: Luzia, Maria Elena, de apelido Lena, e Zeza. As participantes também conseguiram relacionar características das personagens nas narrativas dos sonhos: Luiza teve a primeira visão de quem poderia ser uma futura amante; Lena vivenciou uma de suas tardes em sua confortável casa com a aparição de uma vizinha esquisita e Zeza teve um sonho premonitório da morte de seu marido.

Para a semana seguinte, foi pedido às participantes que observassem cenas do cotidiano que poderiam fazer parte das suas futuras histórias, reconhecendo situações ou espaços em que pudessem imaginar suas personagens.

QUARTO ENCONTRO - PARTICIPANTES GLÓRIA, KARLA E MARINALVA.

O encontro teve início com a socialização das cenas do cotidiano escolhidas. Para a personagem Luzia, Karla escolheu uma faxina feita com a irmã mais nova; Glória se observou cuidando do seu jardim, algo esporádico na sua rotina, e imaginou que Lena deve ter esse hábito no seu dia a dia.

O foco deste encontro foi a criação do enredo. Para introduzir e exemplificar a temática, foram listados alguns dos enredos das obras lidas nos encontros passados. A primeira atividade do dia foi inspirada no exercício “Conto programado” (Lamas; Hintz, *op.cit.*, p.86). Em 7 frases, as participantes deveriam preencher as lacunas deixadas no texto. Um parágrafo deveria ser feito a partir de cada frase e, ao final, constituir uma história. As frases foram as seguintes:

1. A jogadora saiu às cinco horas...
2. Vestia um(a) _____ e carregava um(a) _____ a fim de...
3. Sua maior preocupação era _____, e por isso...
4. O clima (psicológico) era (estava) _____, o que considerava...
5. Encontrou-se com _____, que vinha de (o, a) _____ e cuja ideia era...
6. Depois de cumprimentar o(a) _____, perguntou: _____, ao que X respondeu: – ...
7. Depois de discutirem o caso, decidiram que... (Adaptado de Lamas & Hinz, 2002).

O objetivo foi o de apresentar um simples modelo de planejamento do enredo. Sobre a eficácia deste exercício na criação das suas histórias, duas participantes responderam que o exercício tornou a escrita “menos sofrida” do que os das semanas anteriores. Outra achou mais difícil, afirmando preferir escrever a partir de um tema. Como atividade semanal, foi orientado um planejamento do enredo dos seus contos, a exemplo do exercício.

15

A segunda atividade do dia foi a leitura do conto *Era Sol que me faltava* da autora Lelê Alves (2023). O conto é ambientado no carnaval de Belo Horizonte e conta a história dos personagens Renan e Sol, dois jovens negros que desenvolvem um interesse romântico em meios ao festejo, mas que acabam sendo vítimas da violência policial. Devido à sua extensão, a história foi dividida em duas partes: a primeira acompanhou os momentos em que os personagens se encontram e o desejo romântico é despertado; na segunda, o episódio de violência policial contra Renan e a ajuda prestada por Sol são narrados.

A história conta com a descrição de muitos sons presentes no ambiente e muitas referências a espaços reais da cidade. Esses elementos foram pontados como sugestões para a construção da verossimilhança dos textos das participantes.

QUINTO ENCONTRO - PARTICIPANTES GLÓRIA, KARLA E MARINALVA.

Para o penúltimo encontro do projeto, o elemento escolhido foi o narrador. Ele foi apresentado como a estratégia que o(a) autor(a) escolhe para contar sua história. As seguintes questões norteadoras foram apresentadas:

Quem conta a história? O narrador está em primeira ou terceira pessoa? É a personagem central narrando como protagonista ou é apenas uma testemunha? O narrador conhece o interior da personagem, seus pensamentos, sentimentos e vontades, ou apenas observa o exterior? (Adaptado de Lamas; Hintz, *op. cit.*)

Elas serviram para a análise do narrador em trechos de obras que haviam sido lidas em encontros anteriores. Foram selecionados trechos dos contos *Mãe D'água* (Ruth Guimarães, 2020), *Maria* (Conceição Evaristo, 2016) e *Metamorfose* (Geni Guimarães, 1998). Por meio das análises, foram apresentadas três tipologias de narrador: neutro, onisciente seletivo e eu como testemunha. O primeiro exercício foi a reescrita destes trechos alterando o foco narrativo: do narrador neutro para o onisciente seletivo; do onisciente seletivo para o eu como testemunha; e do eu como testemunha para o narrador neutro.

Este foi o exercício mais desafiador. Tomou mais tempo e as mudanças foram comedidas, sem criações tão originais quanto as dos outros exercícios. Neste dia, uma participante também compartilhou que, mesmo gostando dos encontros, ficava nervosa e insegura ao precisar escrever ou compartilhar sua leitura. Ao final, ela conseguiu realizar o exercício proposto. A seguir está o trecho de *Metamorfose*, de Geni Guimarães, adaptado por Marinalva (uso do narrador neutro):

A menininha ficou feliz porque a letra era bonita. Quando entregou ao diretor, ela ficou mais feliz por ele ter elogiado o poema dela. Quando deu vontade de ir ao banheiro e vomitar, ela pediu à professora para ir ao banheiro, mas não vomitou, só sentiu a vontade.

– Há alguma coisa errada.

Aí pediu para ir embora para casa porque estava se sentindo mal. Ela voltou para a mesa para fazer as atividades dela e já se sentiu bem e feliz que todos gostaram. (Participante Marinalva)

A segunda atividade do dia foi a leitura da segunda parte do conto de Lelê Alves. Ao narrar sobre um caso de violência policial contra uma pessoa negra, foi discutido como tal ocorrido não está presente apenas na ficção. Um exemplo semelhante e compartilhado durante o encontro foi o caso do músico César, que virou notícia do portal G1. Nele, um paralelo muito similar com o do personagem Renan pôde ser encontrado em um trecho do relato do artista: “Chegou um ponto que eu vi que ia morrer, literalmente, porque já não tinha ar para passar pra dentro da viatura” (Homem [...], 2024).

Ao final do encontro, o cordel “Carolina Maria de Jesus”, de Jarid Arraes, foi lido. Um vídeo biográfico também foi apresentado para um debate sobre a vida e a obra “Quarto de despejo” da escritora. O romance é um grande exemplo de muitos dos princípios adotados nos encontros para o incentivo à escrita. Para o encontro seguinte, as participantes iriam entregar

as primeiras versões dos seus contos, que seriam lidos ao lado de algumas páginas do diário de Carolina.

SEXTO ENCONTRO – PARTICIPANTES GLÓRIA, KARLA E MARINALVA.

O último encontro foi iniciado com uma breve retomada de todo o percurso e com uma avaliação do projeto pelas participantes: Glória achou divertido e gostou de poder diversificar suas leituras; Karla disse que foi bom poder retornar com o hábito de leitura e de escrita; Marinalva ressaltou que não foi fácil, mas que aprendeu muito. Das três, apenas duas conseguiram concluir o conto até o último encontro. A outra participante não pôde por falta de tempo ao longo da semana.

O encontro continuou com um momento destinado à Carolina Maria de Jesus. Uma entrevista com a autora e com seus filhos foi assistida e em seguida, a leitura de algumas páginas do seu diário foi feita. Foi possível apontar alguns aspectos da sua personalidade e debater sobre a dor que sentia pela fome. Tudo analisado a partir da perspectiva da mãe muito cuidadosa e preocupada que ela foi.

A discussão a partir do texto oportunizou o seguinte questionamento: uma literatura escrita por mulheres negras e que trata de vivências pertencentes a elas deve ser lida apenas por outras mulheres negras? Elas responderam negativamente, apontando que a leitura é importante para todos; o que foi lido no dia era a história de uma mãe, e outras mães também podem gostar de ler.

Ao final desta discussão, a socialização dos contos foi iniciada. Os textos foram *Zeza hoje está bem*, da participante Marinalva, e *Vislumbre*, da participante Karla. A primeira leitura realizada foi a da personagem Zeza, uma mulher ranzinza que mora no interior de Pernambuco e que sofre pela saudade do seu falecido marido. A história, narrada em primeira pessoa, oscila entre momentos que despertam o humor, devido ao temperamento da personagem, e desabafos sobre a maneira como ela é tratada pela sua comunidade. A leitura levou a muitas risadas e Glória e Karla amaram Zeza, ressaltando como pareciam estar ouvindo uma história contada por uma avó ou por uma senhora em um ponto de ônibus. Marinalva ainda contou um pouco sobre a mulher que inspirou a história e demonstrou estar realizada, pois achou que não conseguiria, mas concluiu seu conto.

Em *Vislumbre*, a personagem Luzia acorda em uma quarta-feira comum após sonhar com a presença de uma desconhecida em sua casa. Ela se prepara para deixar a filha na escola e ir ao trabalho, era assistente social. Naquele dia, iria para um projeto social voltado para mulheres egressas do sistema prisional para acompanhar a personagem Núbia, com quem vinha

trabalhando. É neste espaço que conhece a Cassandra, criadora do projeto e alguém que desperta sensações confusas em Luzia.

Ao longo do conto, tanto por meio dos pensamentos de Luzia, quanto pelos diálogos com Cassandra, as dificuldades enfrentadas pelo projeto e pelas egressas são apresentadas. Um dos elementos que chama a atenção é a existência de um trabalho com o objetivo de que as mulheres do projeto escrevessem um livro contando suas próprias histórias. Ao final do trabalho, após passar a manhã com Cassandra, Luzia tem certeza de onde já a havia visto e revela que ela era a mulher do seu sonho. O conto é finalizado com outra revelação: há três noites, Luzia não saía dos sonhos de Cassandra.

Ao avaliar seu conto, Karla também se sentiu satisfeita e feliz por ter voltado a escrever. Ela revelou que espera poder trabalhar mais detalhes no conto, mas que gostou desta primeira versão. Sua maior dificuldade foi o tempo para a escrita em meio a uma rotina corrida, mas, empolgada, passou quase um dia inteiro escrevendo a história. A participante revelou que a inspiração surgiu de um programa de *podcast*, onde conheceu a história real da mulher que inspirou a personagem Núbia, uma mulher negra vítima de violência policial extrema. Ela foi injustamente condenada como cúmplice pelo crime de tráfico de drogas, acusada pelo tio dos seus filhos, o autor do crime. Karla revelou como se preocupou em retratar com responsabilidade a história desta mulher e todos os outros contextos abordados no conto.

A mesma dificuldade apontada por Karla foi compartilhada por Glória. Apesar de não ter conseguido realizar a tempo para o encontro, informou que ainda desejava poder escrever a história da sua personagem. Ela foi encorajada, pois outras atividades e produções poderiam ser desenvolvidas a partir dos resultados desta primeira experiência do projeto, e sua participação seria de grande valor.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Zeza hoje está bem, por Marinalva

Zeza é uma senhora viúva que vive em um contexto rural e que sofre certa exclusão em sua comunidade devido ao seu temperamento. Isto gera conflitos internos, pois embora queira participar das ações do grupo, não muda seu jeito mais bruto de ser. Apesar da força que demonstra, é possível perceber a vulnerabilidade da personagem. Sua fragilidade parece ter se acentuado após a morte do seu marido, um doloroso evento narrado no conto.

O conto é um relato íntimo da personagem, que ao falar de maneira tão espontânea, deixa escapar seus sentimentos mais contraditórios e sinceros. A escolha pela narração em

primeira pessoa privilegia a proximidade entre o leitor e a personagem. As marcas da oralidade no texto estão presentes pelo desejo de buscar escrever a história de maneira fiel à maneira como foi contada pela participante durante as reuniões de auxílio com a escrita.

Das dez características listadas para a personagem, seis surgiram no texto final, enquanto o sonho premonitório, também produzido no terceiro encontro, surgiu na história ao ser narrado o episódio da morte do marido de Zeza, o Zé. Quanto ao espaço da narrativa, a venda desempenha um papel essencial na vida da personagem, pois, sem ela, Zeza ficaria desorientada e presa aos seus sentimentos mais tristes. Continuar na venda, para além da fonte de renda, também representa o apego da personagem ao falecido Zé. Também é por meio deste espaço que ela consegue manter contato com várias pessoas que, embora afirme não gostar e preferir ficar sozinha, reconhece como é algo necessário para que mantenha a mente sã. A casa e a venda são os espaços centrais da narrativa e tão comuns quanto a feira que foi utilizada de exemplo no encontro destinado ao estudo do espaço. Na descrição do local onde a personagem mora, informações reais foram utilizadas por Marinalva para demonstrar os problemas do lugar: “Por trás de casa tem um bar. De quinze em quinze dias tem um paredão. Eles se preocupam porque é muita bagunça, até morte já teve” — trecho do conto.

O principal paralelo entre este e os outros contos lidos no projeto é a presença de mais uma mãe protagonizando uma narrativa, como em *Maria* (conto lido nos primeiros encontros do projeto), *Beijo na face* e as páginas do diário de Carolina Maria de Jesus. A vulnerabilidade da personagem pode ser associada à da personagem Geni, de *Metamorfose*. O conflito de querer ser aceita, mas passar por uma rejeição são pontos que se cruzam nas duas histórias.

A escritora também escolheu por contar a história de uma mulher real, conhecida e que fez parte da sua infância, ainda que não tenha sido criada nenhuma personagem que a representasse no conto. Marinalva vem de um ambiente rural e a presença deste elemento pareceu ser muito importante para ela na hora de escolher o que iria representar na sua história.

VISLUMBRE, POR KARLA

É por meio da personagem Luzia, uma assistente social, que diversas temáticas sociais se desenvolvem no conto. Núbia e Cassandra também possuem papel de destaque na história, a partir da defesa dos seus ideais e na denúncia de injustiças.

As temáticas abordadas a partir do cotidiano de Luzia tratam da ressocialização de egressas do sistema prisional e do papel desempenhado por projetos sociais para que tal prática possa ser efetivada na garantia de oportunidades e direitos. Paralelo a essas questões, uma tensão

é construída aos poucos entre Cassandra e Luzia, o que indica uma atração romântica entre as duas.

Em uma atmosfera envolvente, o conto introduz Luzia por meio de um sonho, adaptado a partir do exercício do encontro 3. É possível conhecer sua casa e sua rotina matinal. O texto conta com muitas descrições do espaço que ambientam o leitor e estimulam os sentidos: “Ela abraçou apertado mais uma vez o travesseiro macio, absorvendo no ar o cheiro de café fresco, o que a moveu a abandonar seu ninho de moleza”, trecho retirado do conto. Para a construção do enredo, Karla apresenta, logo no início, a questão que irá percorrer todo o conto: quem era a misteriosa mulher com quem Luzia sonhou?

O uso de um caso policial real, a presença de um grupo de mulheres escritoras dentro do projeto e as descrições de cenas cotidianas demonstram como a técnica de junção de elementos da realidade para a produção literária é efetiva. No primeiro exemplo, a personagem Núbia é inspirada na história de Iza Negratcha, ativista que debate sobre a ressocialização de mulheres por meio da cultura popular. Assim como o conto de Lelê Alves, a literatura foi utilizada como um meio para a partilha e denúncia de uma injustiça social. Já o grupo de mulheres aparenta ser uma referência ao projeto “Elas por Elas”, enquanto o terceiro exemplo gera identificação pela presença de atos muito comuns à vida, como a preguiça de acordar cedo e as tarefas matinais que precedem a ida ao trabalho.

20

Entre as dez características criadas para Luzia, também foram seis as exploradas no conto. As identidades das participantes surgem nas suas personagens de maneira semelhante. Assim como Marinalva buscou a representação do espaço rural, a temática homoafetiva surge para Karla como um elemento de representação de sua identidade dentro da história. Apesar da presença destas características, nenhum dos textos trata de uma escrita de si, o que pode indicar um desejo pessoal de representatividade nas narrativas por meio de outras vivências.

AS VIVÊNCIAS

Os dados foram coletados por meio de um formulário virtual enviado às participantes. A primeira parte irá abordar a escrita literária durante o projeto. Cinco afirmações foram feitas, as quais poderiam ser avaliadas por meio de uma escala que corresponde, respectivamente, a: 1 - Concordo totalmente; 2 - Concordo; 3 - Neutro; 4 - Discordo e 5 - Discordo Totalmente. Na tabela a seguir, estão indicadas as porcentagens das questões:

Tabela 01 - Avaliação da escrita

Afirmações	01	02	03	04	05
01. As oficinas me incentivaram a escrever textos literários.	66,7%	0%	33,3%	0%	0%
02. Os exercícios foram proveitosos para minha criação literária.	100%	0%	0%	0%	0%
03. Me senti segura e confortável para compartilhar meus escritos.	66,7%	0%	33,3%	0%	0%
04. O projeto contribuiu com o meu hábito de escrita.	33,3%	33,3%	33,3%	0%	0%
05. Pretendo escrever mais textos literários após o projeto.	66,7%	0%	33,3%	0%	0%

Fonte: Vinícius Miguel, 2025.

Quanto às dificuldades enfrentadas ao longo do projeto, duas foram apontadas: a dificuldade na apropriação do código linguístico e o desafio de manter o hábito. A segunda ocorreu, mais especificamente, devido à falta do tempo para destinar à escrita. Ainda assim, foi indicado que os exercícios semanais foram importantes para motivá-las a inserir a escrita no seu cotidiano. Ainda destacaram a necessidade de reconhecer a riqueza cultural presente nas obras e o prazer despertado pela sua leitura. Na pergunta final, todas afirmaram que

21

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do foco deste trabalho estar na literatura afro-brasileira feminina, ele comprova as potencialidades desta produção cultural no ensino da escrita literária para qualquer um que queira se aventurar pelo universo desta arte, independente da sua identidade. Essa literatura pode fazer parte do ensino da literatura e não somente do ensino da literatura e cultura negra. A junção de elementos familiares e cotidianos para a produção literária, analisada nos contos, foi elementar para a criação dos textos das participantes, o que demonstra a eficácia da técnica e uma das potencialidades destas obras. Os objetivos foram alcançados e a junção entre as propostas foi proveitosa.

O objetivo do “Elas por Elas” foi o de proporcionar espaços e práticas constantes de leitura e escrita na vida das participantes. Porém, não há como deixar de citar a marcação de gênero e raça das escritoras escolhidas para os encontros. É vital demarcar tal temática pois ela não compõe o cânone, tão referenciado no ensino da literatura. A marcação linguística se faz necessária, assim como a de outras identidades que buscam, por meio da língua, a validação de

uma existência. A literatura afro-brasileira de autoria feminina é Literatura. E o ensino de literatura não é só a de homens brancos e ricos, mas também de mulheres, de pessoas pretas e de faveladas.

A literatura será ensinada, as pessoas irão aprender a ler e esta instituição não sofrerá mudanças, mas as escolhas feitas pelos mediadores deste processo podem abrir portas para novos caminhos. Não é necessário ensinar Literatura para só depois tratar da literatura afro-brasileira de autoria feminina, pois ambas são uma só. O debate sobre o racismo levantado por meio das obras não pode ser visto como um empecilho para a sua presença em projetos e em aulas que foquem no incentivo à leitura ou escrita, pois este é na verdade um dos seus destaques. Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães, Jarid Arraes, Lelê Alves e tantas outras não são exemplos somente para mulheres negras, mas para todos aqueles que gostam e anseiam pela arte da literatura.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. A Literatura é forma de humanização do sujeito: quando os leitores se contam aos milhares. In: ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALVES, Lelê. **Era sol que me faltava**. 1. ed. Publicação Independente, 2023.

22

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

AMABILE, Luís Roberto. Do que estamos falando quando falamos de escrita criativa. **Criação & Crítica**, n. 28, dez. 2020.

ARRAES, Jarid. **Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.

BRASIL, Luiz Antônio de Assis. A paixão pela literatura. In: LAMAS, Berenice Sica; HINTZ, Marli Marlene. **Oficina de criação literária: um olhar de viés**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

_____, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira”. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. A escrava. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, ed. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

_____, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

_____, Conceição. A escrevivência e seus subcontextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância; NUNES, Isabella. (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006. GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na literatura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, p. 223-244, 1984.

GUIMARÃES, Geni. Especial Geni Guimarães. [Entrevista concedida a] Lara Rocha e Mônica Cardoso. **Escrevendo o Futuro**. 23 de jul. de 2021.

_____, **A cor da ternura**. Ilustrações de Saritah Barboza. 12. ed. São Paulo: FTD, 1998.

GUIMARÃES, Ruth. **Contos Negros**. São Paulo: Faro Editorial, 2020.

GUZZO, Morgani. Conceição Evaristo: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. **Catarinas**, 28 jul. 2021.

HOMEM negro agredido pela PM diz que ficou algemado em viatura fechada por mais de uma hora após ter levado spray de pimenta. **G1**, São Paulo, 27 abr. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada - edição comemorativa. 1. ed. São Paulo: Ática, 2020.

LAMAS, Berenice Sica; HINTZ, Marli Marlene. **Oficina de criação literária**: um olhar de viés. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

LEITE, Fernanda dos Santos. **A invisibilidade das escritoras negras na literatura brasileira**: alguns apontamentos. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa) - Universidade Federal Rural da Amazônia, campus Tomé-Açu, 2021.

REIS, Maria Firmino dos. A escrava. In: REIS, Maria Firmino dos. **Úrsula**. 7. ed. São Paulo: Landmark, 2018.

RIBEIRO, Djamila. Apresentação. In: AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. p. 09-11.

SILVA, Régia Agostinho da. A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmino dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. **Leitura: Teoria e prática**, v. 29, ed. 56, p. 11-17, 11 jan. 2013.

SOBRAL, Cristiane. Cauterização. In: SOBRAL, Cristiane. **Cristiane Sobral**. [S. l.], 3 mar. 2011.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. **Objetos Educacionais do Acervo Digital da Unesp**, São José do Rio Preto, p. 101-106, 15 ago. 2011.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1986.